

# A miséria sob ameaça de despejo: Itacibá

**Cida Paiva**

O barraco de seis metros quadrados acomoda, sobre o barro do chão, um estrado de cama, um fogão e duas malas do tipo utilizado pelos migrantes. Foi o que restou da casa do pedreiro Jandiro Gomes, após a enchente que invadiu Belo Horizonte, há cerca de um mês. Sem ter para onde ir, Jandiro viajou para Vitória e foi parar na invasão de Itacibá. Mas o barraco, construído com lascas de árvores e folhas de papelão, terá que sair do local até segunda-feira e, mais uma vez, Jandiro não sabe para onde ir.

A decisão judicial, que concedeu liminar de reintegração de posse ao Frigorífico Industrial Capixaba S/A (Frincasa), pegou Jandiro e os outros posseiros de surpresa. Isto porque, segundo eles, a área onde estão é terreno de Marinha, enquanto que a área citada pelo Frincasa no processo judicial fica do outro lado da rua, numa parte mais elevada, distante do mangue.

“Está havendo engano, dizem eles. “Está havendo engano”, confirma a advogada Ivone Vilanova de Souza, que entrou na defesa dos posseiros. Por isso, enquanto a situação não for esclarecida, eles pretendem permanecer no local. “Não queremos ficar em terreno dos outros”, fala o motorista desempregado Jorge Firminiano Filho, “mas temos certeza de que esse terreno é de Marinha e só sairemos quando alguém apresentar os documentos”.

## NUMA CADEIA

Para Jorge e outros posseiros, o que está ocorrendo é “uma manobra do pessoal do Frincasa”. “O terreno deles, que está hipotecado ao Banco do Brasil, fica lá no morro, do outro lado da estrada”, disse Jorge apontando para uma área distante dos barracos. “Eles querem é aproveitar a situação”.

Acompanhado de mais uns 15 posseiros, Jorge desmentiu, inclusive, um boato que estava correndo pela invasão, de que os posseiros tinham armazenado 300 litros de gasolina para atear fogo no Frincasa. “Se a gente não tem dinheiro nem para o feijão com arroz, disse ele, como ia comprar gasolina? Isso é coisa de gente que está querendo prejudicar a gente porque, até agora, aqui não teve nenhuma



**Maria de Fátima: um filho e o drama de ter que cozinhar debaixo de chuva**

briga, nem violência. E a gente não quer isso, não”.

“O que nós queremos é um lugar para morar”, fala Jandiro Gomes, sentado à porta do barraco. “Preso numa cadeia acho que a gente vive melhor do que aqui. Dá só uma olhada”, fala ele apontando para dentro do barraco, onde um estrado sem colchão, colocado sobre o barro, serve de cama. “Do outro lado, dois quilos de arroz, que ele conseguiu comprar “fazendo uns biscates”, estão encharcados pela água da chuva. As frestas do barraco às vezes se igualam ao tamanho das lascas de árvores, que servem de parede.

“Dá para ver que a gente está passando necessidade”, não é? Se não fosse isso, eu e minha “mulherzinha” não estávamos morando aqui, dormindo em cima da madeira, sem cobertas”, disse Jandiro. Na enchente do rio Arruda (em Belo Horizonte, onde ele morava), só não teve morte porque a gente estava fora de casa. Dos que moravam na beira do rio morreram mais de cinquenta”.

Apesar da decisão do juiz Francisco José Bittencourt Pinheiro, da 1ª Vara Cível, que concedeu liminar de reintegração de posse ao Frincasa, os posseiros, na sua limitada concepção judicial, estão esperançosos de que aquilo que eles consideram um engano seja esclarecido. Quer

dizer, que a situação entre a área que eles ocupam e a área requerida pelo Frincasa seja esclarecida porque, dizem eles, “são duas terras separadas”.

“O juiz tem que saber disso”, comentam eles, porque tudo está muito confuso”. Enquanto aguardam que tudo seja esclarecido, eles vivem seu dia-a-dia. A maioria, sem emprego fixo, faz biscates para sobreviver e nesse um mês aproximado, desde que os primeiros barracos começaram a ser construídos no local, a invasão já ganhou “um filho”, um garoto pequeno, que nasceu há cerca de três dias, filho de um rapaz que todos chamam de Paulão.

Crianças, aliás, é o que mais existe na área. E com a chuva elas brincam no barro, pisam nas poças de água e se lambuzam, apesar da água escassa conseguida, por caridade, na casa de algum morador próximo. Mas não é somente às crianças que a chuva atrapalha. Maria de Fátima Martins, de 20 anos, e que veio com o marido e o filho, da região de Mantena, há cerca de quatro meses, tem que sair na chuva para cozinhar. O fogão a lenha improvisado sobre dois tijolos tem que ficar ao ar livre, fora do barraco que acomoda apenas um colchão de solteiro, para o casal, e um outro menor, para o neném.